

coisas e não por palavras. E' um ensino simples, sobrio, pratico, vivo, verdadeiro, livre de idéas já feitas, emolduradas em definições sibilinas, sem palavreado, sem lições a dedo; é feito numa linguagem chã e sã, não pretendendo fazer só sabios ou literatos, individuos estranhos á produção a quasi todas as demais atividades sociaes.

A escola racional não confunde o estar preparado para a vida com o estar preparado para sêr um comerciante ou um burocrata ou um eleitor, e neste intuito ela cura principalmente da educação social integral e não da mera educação politico-galopineira. Procura fazer de cada aluno um sêr economico — no sentido de que deve desempenhar uma função economica — como deve sêr um individuo familiar, artistico, científico, moral e justo.

O que, sobretudo, distingue a escola racional é que ela é essencialmente **um método**, um processo de ensino, baseado em estimular na criança a investigação científica, em lhe ensinar **só o que ela pode compreender** de um modo claro e nitido, provocando-lhe o raciocinio de modo que seja a criança que descubra a lei, o principio, a causa, numa palavra, a verdade científica, indo de raciocinio em raciocinio, de esperiencia em esperiencia.

A ação do professor limita-se pois em provocar habilmente a atenção do aluno e auxiliá-lo nessa busca da verdade, nessa luta pelo saber. Ao professor é vedado dar á criança a verdade já feita e demonstrada dentro de um enunciado ou de uma definição.

A disciplina á militar é completamente condenada. A verdadeira disciplina encontra-a ela na amizade, na boa camaradagem que deve haver entre os alunos e os professores.

Sobre hygiene escolar, quanto ao estudo, conhece o que é a doença que o dr. Delassus denominou *Ecobismo* ou seja o resultado morbido do excesso de trabalho exigido pelos desapiedados programas que forçam os estudantes a um *surmenage* intelectual continuo e os obriga a um sedentarismo prolongado, cujas taras principaes são o desvio da coluna vertebral, perturbações da vista, mau funcionamento das vias digestivas, excitação nervosa, etc.

Emfim, para terminarmos citamos o que Francisco Ferrer escreveu em 1907 quando estava preso no Carcere Modelo, e que veiu publicado na *Humanidad Nueva*:

«A Escola Moderna (ou seja o ensino racional) não tem por fim unicamente fazer desaparecer dos cerebros o preconceito religioso. É certo que é ele um dos que mais se opõem á emancipação intelectual do homem, mas espurji-lo não é suficiente para se preparar uma sociedade livre e feliz, porquanto não se compreende que o seja sem liberdade, só porque não tem religião.»

«A Escola Moderna propõe-se combater todos os preconceitos que entravam a completa emancipação do homem. Porisso a instrução que ministra é racional, humanitaria, levando o espirito da criança ao conhecimento de todas as injustiças sociaes, para que, por sua vez, possa combatê-las e opôr-se-lhes. O racionalismo que preconizamos abomina as guerras fratricidas, internas ou externas, a exploração do homem pelo homem, a escravidão da mulher; tem como alvo a destruição de todos os fátors da desarmonia humana, como a ignorancia, a maldade, o orgulho e outras chagas sociaes que tanto affligem a humanidade.»

«O ensino racional e científico da Escola Moderna abrange, como se vê, o estudo de tudo aquilo que é favoravel á liberdade do individuo e á harmonia da colétividade, isto em procura de um regime de paz, de amor, e de felicidade para todos, sem distincção de classes nem de secos.»

Eis o que é o ensino racional! Eis o que ele quer: que «a humanidade se governe pela razão e pela ver-

dade, em vez de se deixar governar pelos preconceitos e pela mentira», quer sejam religiosos, quer politicos! Eis o que *não é* a escola laica!

Crêmos ter demonstrado a diferença. Se fór preciso voltaremos ao assunto.

É preciso sair-se da aristocratica abstração científica, e penetrar, misturar-nos na democrática concretização dos factos quotidianos; a dedução dos nobres pensadores, carece, para não perder o caracter de científica, de ser corrigida constantemente pela observação diréta e pela esperiencia científica. *Desçam* do alto do seu esplendoroso pedestal de marfim, da sua elevadissima mentalidade erudita e venham acotovelar-se na obscuridade anonima e ingloria da massa humilde dos *factos* diarios, que nem por isso deixam de ser científicos, venham para a realidade e verão então que tanto *na pratica* como na teoria a escola laica não é a escola racional.

João Branco

NOTAS PARA UM DICIONARIO

32

Anarquia. — Concção filosofica e social escluindo toda a idéa de Autoridade, quer esta seja exercida por um só, quer por uma minoria, quer pela maioria.

A palavra «anarquia» dizem-na formada de dois vocabulos gregos: *a* ou *an* (negação) e *arché* (o primeiro, o chefe) ou *archos* (um magistrado). Pelos seus elementos componentes significa, portanto, ausencia de superioridade, de governo, de autoridade, — falta de autoridade, — autoridade suprimida ou supressão da autoridade. Littré, no seu *Dicionario*, definiu «anarquia» — a ausencia de governo, e por conseguinte desordem, confusão. Para a maior parte da gente, abonada por tamanha autoridade, «anarquia» é com efeito sinonimo de «desordem».

Proudhon empregou a palavra «anarquia» como formula dum regimen de liberdade em que cada um a si proprio se governasse, — correspondendo ao que os ingleses designam pela expressão «self-government».

«A palavra *anarquia*, escreveu Eduardo Maia em 1888, é no atual momento historico o ultimo termo da serie liberdade, assim como a palavra *ditador* é o ultimo termo da serie autoridade».

Como notou Lichtenberger, na filosofia politica a palavra «anarquia» emprega-se quasi no sentido da palavra «anarquismo». Alguns escritores mesmo empregam um ou outro destes termos indiferentemente.

José Luiz

Aditando:

3 a. — *ação* (a). — Periodico anarquista de Lisboa. Dirétor-proprietario, Armando Costa. Aparece quando pode. O n.º 1 saiu em 8 de agosto de 1909. Como divisa traz esta frase de Duclos: — «Não são os tiranos que fazem os escravos, são os escravos que fazem os tiranos». Norteia-se por este principio, tão errado na sua forma absoluta como o contrario: — O individuo é que modifica a sociedade, e não esta o individuo.

5 a. — *Ação sindicalista* (A). — Volumesito de Victor Griffuelhes, sobre o espirito e caráter do movimento operario atual, — traduzido por Emilio Costa e editado pela Antiga Casa Bertrand, de Lisboa, em 1909.

J. L.